

## HIPERTEXTO QUE TEXTO É ESSE?

DINORÁ FRAGA & TÂNIA FLORES  
(UNISINOS)

### RESUMO

Herdeiros da ciência moderna, os textos lingüísticos obrigam seus usuários a tratá-los analiticamente, partindo do todo para as partes ou das partes para o todo em seqüências que vão da esquerda para a direita, de cima para baixo, segundo um princípio de sucessão linear descontínua. O contexto informatizado nos apresenta uma outra concepção de conhecimento orientada por autores como Edgard Morin e Humberto Maturana, com implicações sobre lógica cultural que resulta em um novo modo de produzir texto: o “hiper” texto. Este artigo defende a idéia de que estrutura, interação e padrões de organização dos meios informatizados, na produção de sentido, são expressões de um novo ambiente cultural, que exige novos temas para a Lingüística como a compreensão de sujeito e de autoria, a serem revisitados na perspectiva da enunciação no ambiente informatizado. Almejamos a análise do processo de referenciação hipertextual através do estudo da natureza dos links associativos em sua função coesiva – natureza anafórica, catafórica, associativa e esquemática, a partir dos estudos de George Landaw (1995) e Ingedore Koch (2000), tendo reportagens on line como universo interpretativo. Propomos, com as verificações, que os links não têm a função de retomada linear como no texto impresso, mas que eles têm a função de continuidade semântica, não como um fenômeno de dependência interpretativa, conforme concepção de referente, mas como sendo um fenômeno de abertura e de independência, fazendo do texto um documento aberto.

**Palavras-chave:** hipertexto, cultura, sentido.

### ABSTRACT

Modern science's heirs, linguistic texts oblige their users to deal with them analytically, starting from the whole to the parts or from the parts to the whole in sequences which move from right to left, from top to bottom, according to a discontinued linear succession. Computing context presents us another conception of knowledge oriented by authors such as Edgar Morin and Humberto Maturana, with implications on cultural logic which results in a new way of producing text: the hyper text. This article defends the idea that structure, interaction and organization patterns of computing, in the production of meaning are expressions of a new cultural environment, which demand linguistics topics such as authorship and subject comprehension, necessary of being revisited in the enunciation perspective towards computing environment. In order to solve this situation, we suggest analysing the hypertextual referencial process through the study of the associative links nature of hypertext in its cohesive function – anaphoric, cataphoric, associative and schematic nature, from George Landaw (1995) and Ingedore Koch (2000) research, having on line reportings as interpretation os empirical universe. We herely propose, with empirical verifications, that links don't have linear taking up function as in the printed text, but they have the function of semantic continuity, not as interpretative dependant phenomena, as the concept of referent, but being deat with as open and independent phenomena, making the text and open document.

**Key-words:** hipertext, culture, sense.

## 1. UM CERTO MODO DE CONSTRUIR SENTIDO

Começamos afirmando que o hipertexto a que nos referimos diz respeito a um certo modo de construir sentido. O recorte deste artigo está inserido na temática sobre texto e discurso em novos ambientes tecnológicos, instaurados pela linguagem informatizada. Também, buscamos pensá-lo na co-ocorrência com a discussão paradigmática, no campo da filosofia das ciências, onde fazemos uso da abordagem sistêmica orientada pelos estudos de pensadores como Edgard Morin e Humberto Maturana.

Queremos tratar de *uma leitura* e de *um leitor* hipertextuais, mais do que a busca de um conceito de texto hipertextual. Ambos, porém, se relacionam recursivamente. Um texto em estrutura hipertextual pode, com o tempo, produzir um modo de ler hipertextual, ao mesmo tempo em que o pressupõe. O(a) leitor(a), então, influenciado(a) pela ambiência hipertextual, *desenvolve uma competência lingüística nova*. Queremos propor que a competência hipertextual insere-se numa competência de hipercomunicação, a ser caracterizada neste artigo. Por outro lado, adotamos um pressuposto cultural. Uma leitura hipertextual, por certo, se estende para além do tipo de leitura exigida por uma formatação em HTML<sup>1</sup>, própria da informática. Hipertexto é entendido como um modo de produzir sentido, em quaisquer suportes, seja impresso, eletrônico ou mesmo, como veremos, o que vamos chamar de suportes culturais como o uso do espaço das ruas da cidade ou os encontros nos shoppings. Uma leitura que assume, na radicalidade, um leitor, enunciador que vagueia entre textos, itinerante, que se vai impregnando de um sabor da possibilidade de buscar o novo. Essa enunciação, envolve um enunciador que, cognitivamente, produz uma ação sobre um espaço topológico, no caso, a conformação espacial do hipertexto, na tela do computador.

No caso do ambiente informatizado, propomos que, nesse espaço topológico, texto e leitor estão afetados, do ponto de vista cognitivo pela direção passional (pathos, paixão), porque o hipertexto pressupõe, logo, exige a constituição do leitor como sujeito que produz o texto sob uma espécie de imersão, característica do suporte, que envolve luz e movimento, como processo constituidor do ser autor hipertextual.

Atribuir sentidos, no espaço topológico do hipertexto, exige que o leitor autorize-se, digamos, a uma errância, a um vaguear. Uma aventura cognitiva de caminhar sem rumo. Envolve instaurarmo-nos na dispersão do sentido<sup>2</sup>. Esse é o entendimento da mentalidade necessária para a emergência de um hipertexto. Os estudos atuais sobre hipertexto têm situado esse ambiente errante, segundo o entendimento de labirinto, rizoma e *flanerie*, conforme veremos a seguir.

---

<sup>1</sup> Hipertext Markup Language.

<sup>2</sup> Sentido é assumido nesse texto como um componente de descrição semântica do discurso Enquanto o significado restringe a dispersão do sentido porque está atrelado à força conservadora do sistema, o sentido autoriza a autoria porque se insere na força de mudança do sistema. Ambas as forças são responsáveis pela visão dinâmica do sistema.

## 2. NA PRODUÇÃO HIPERTEXTUAL FAZEMOS NOSSO CAMINHO

Gustav Hocke (1976) em seu livro *Maneirismo: O mundo como labirinto*, afirma que vivemos um paradoxo situado entre uma visão barroca de mundo. Acrescentamos que a esta se somam as saídas que o pós-estruturalismo aponta. Enquanto conflito barroco, o ser humano vê a retirada de certeza de sua origem divina. É a tragédia moderna do homem sem Deus, objeto, por exemplo, da obra de Shakespeare. Cabe à biologia, com Charles Darwin, inverter o sentido bíblico da origem do ser humano – de criaturas angelicais ou seres decaídos, mercedores da terra como punição da ousadia da escolha, passamos para a explicação da origem através da evolução. Invertemos o processo. Há, agora, um caminho a ser percorrido, que vai das formas de vida mais primitivas às mais complexas. Acrescentamos que, na evolução, há um sentido trágico: o ser humano está fadado eternamente ao trajeto, ao percurso, sem saber aonde vai chegar. Há um determinismo que chega a um sentido sádico de vida. Semelhante à lenda grega, cada vez que chega ao topo, o ser humano está aperfeiçoado em sua natureza humana, e por ter mais condições morfológicas, enquanto espécie, sua pedra torna-se sempre outra, e o caminho mais complexo. A evolução não lhe permite a certeza da chegada definitiva. Neste sentido, haverá tragédia maior que evoluir?

Já o homem bíblico não é o homem do percurso. É contemplativo. Suplica, crê, espera. O homem darwiniano, que é o homem da ciência, é o homem da ação. Sua única certeza é de que deve continuar sempre, sem saber aonde sua caminhada o levará. É nesse sentido que o conceito de labirinto é muito apropriado, enquanto estrutura que reflete tal visão de mundo paradoxal. Estamos vivendo uma visão de mundo de labirinto. A idéia de labirinto tem fascinado a humanidade.

As obras labirínticas e suas manifestações aparecem já em meados da Idade da Pedra, inseridas nas civilizações mais antigas. A constituição labiríntica encontra-se nos fundamentos de algumas pirâmides egípcias, como também se insere na Acrópole de Atenas e no túmulo de Augusto de Roma, todos formados por inúmeras vielas e caminhos que resgatam a busca do uno, do ideal da perfeição. Até no palco do Antigo Teatro de Atenas, encontrou-se um mosaico representando um labirinto. No oriente, encontram-se os *puzzles* decorativos, mais conhecidos como mandalas. Os labirintos são também, facilmente percebidos no universo das catedrais, apresentando-se intimamente ligados com a religiosidade e a crença de salvação divina, pois o Céu é um lugar de difícil acesso para os humanos, que, segundo os cristãos, teriam de passar por uma série de experiências e provações para tornarem-se mercedores desse tributo.

Também Leonardo da Vinci, em algumas de suas obras, relaciona-se com o universo de forma diferenciada, mas não deslocada das influências labirínticas no próprio pensamento de sua época. Para Hocke, houve duas tendências que empolgaram Da Vinci: a apresentação da realidade sob uma forma velada (hieroglífica) e a expressão abstrata das forças universais que provêm de Deus. Em função dessas, da sua recorrência a uma escrita misteriosa e aos pictogramas, e seus posteriores estudos extraordinários em torno do tema labirinto, Da Vinci lançou-se ao jogo abstrato dos entrelaçamentos.

Segundo Dhurer (in Hocke, 1986), conservaram-se apenas seis obras de Da Vinci que apresentam a presença deste jogo de entrelaçamentos; além de uma que segue a mesma inspiração – ilustração que se encontra no forro do Castelo de Sforza, Milão. O curioso é que justamente estas obras provocaram os boatos que colocavam Da Vinci como possível mago ou feiticeiro que, por ventura de um pacto com o demônio, estaria envolvido por forças negativas que impregnavam sua obra de formações estranhas e misteriosas. Entretanto, “muitos tiveram a impressão de que tais entrelaçamentos” e tais figuras – sujeitos, por um lado, aos caprichos da linha que se desenvolve livremente e, por outro, ao controle da inteligência que sabe calcular – manifestam a intenção de Da Vinci em reconstruir em formas abstratas a unidade de um mundo em dissolução”, (Brion in Hocke 1986, p.163). O certo para Hocke é que essas linhas entrelaçadas, verdadeiros labirintos míticos, apresentam-se com unidade, um referencial universal, algo como a condução a um centro, ao centro do mundo, que, no caso de Leonardo da Vinci, simboliza a própria complexidade de ser Eu.

Mas esta experiência revelou-se muito mais amena em Da Vinci do que na arte ornamental do século XVII. (...) Em Da Vinci, trata-se apenas de um simbolismo abstrato e racional do infinito e das forças convulsivas que nele agem, sem destruir-lhe a ordem. Em seu centro, encontra-se o ser enigmático, o homem. Ser que pensa e age e que transcende em forma octogonal, um perfeito labirinto óptico que Da Vinci quisera construir, corresponde a uma tendência análoga: compreender o “enigma” do homem e seu mundo contraditório através de uma perspectiva anatural (Hocke, 1976, p.163).

Seus estudos sobre labirintos envolvem o jogo abstrato de entrelaçamentos. Afasta-se da natureza. Para ele o labirinto é um simbolismo abstrato e racional das forças convulsivas que nele agem e, em seu centro, está o ser enigmático do homem. Costumava ensinar a seus discípulos a observar as figuras nas muralhas antigas, pedaços de pedra e todo tipo de relíquias porque tudo isso poderia ajudar a descobrir novas realidades. Sentia-se atraído pela apresentação da realidade de forma velada deixava-se levar pela fantasia que seguia seu próprio caminho. As linhas entrelaçadas são verdadeiros labirintos míticos, que conduzem a um centro do mundo que simboliza o eu complexo. Nestes entrelaçamentos existem os nós, os cruzamentos. Na linguagem, ao produzirmos sentidos, estamos desatando nós que permitem ir adiante.

O tema e o fascínio do labirinto ressurgiram novamente, e de maneira bastante “explosiva”, nos séculos XVI e XVII e ainda entre os anos de 1880 e 1950. Sua manifestação insere-se na experiência abstracionista das obras de artistas como Klee e Mondrian, nas quais a gestualidade do abstrato não se refere apenas a um simples brincar de formas e cores, à arte do abstrair-se, mas a toda uma dinâmica de simbolização do supra-real inacessível. “Grande é a pureza de Klee! Muitos de seus quadros são considerados como blasfêmias e como orações criptográficas” (Hocke, 1976, p.165).

A idéia e o ideal de labirinto manifestam-se em produções literárias. São expoentes dessa influência o poeta espanhol Juan Ramón Jimenez (publicou em 1910 uma coletânea de poemas – *Labirinto*), García Lorca que certa vez disse: “Labirinto confuso, com estrelas escuras, que divide em duas partes a minha ilusão, como se esta fosse um objeto já podre”.

Já Jorge Luís Borges nomeou uma de suas obras com o título *Os Labirintos*, na qual escreveu sob forte inspiração: “infelizmente eu sonhava com um labirinto pequeno e limpo, no centro do qual se encontrava uma ânfora, que meus olhos viam e que as minhas mãos quase tocavam. Contudo, os caminhos eram bem complicados, a ponto de eu já ter a certeza de morrer, mesmo antes de atingir o meu objetivo”.

Já na França o tema do labirinto encontra-se também inserido na linguagem, pois os franceses, ao invés de dizerem: pentear-se, diziam *délabryntiser les cheveux* (deslabirintizar os cabelos). Há também aqueles que acreditam no fascínio do homem pelos labirintos como René Char (poeta francês) em seu trecho “O homem recusa-se a deixar os seus labirintos. O mito milenar constringe-o a conservá-los, e Henri Michaux que, convicto, afirma: “No labirinto se encontra o caminho certo”. Já Paul Éluard (famoso poeta surrealista francês) inspira-se e encerra o labirinto como parte de uma imagem surrealista, “Luz negra, incêndio antigo, com os cabelos perdidos no labirinto”.

O labirinto apresenta uma historicidade unificadora das dimensões de visível e imprevisível, presentes na realidade – o próprio vocábulo inglês *maze* (labirinto) significa admiração, estupefação diante do desconhecido, do imprevisível – a busca do ponto central ritma um impulso mais além, à perfeição, seja espiritual ou mística, mas certamente integrada a um ideal de sabedoria e conhecimento. No paradoxo do homem sem Deus, surge a insegurança que busca sua superação em sentimentos contraditórios como a necessidade da liberdade. O inteligível categórico de Aristóteles entra em crise. O homem barroco tem medo do que é espontâneo. Busca descobrir o real através do encoberto, da metáfora; a realidade necessita ser desvelada.

Se o barroco produziu o conflito pelas oposições, se a ciência moderna assumiu as dicotomias sem conflitos porque estava salvaguardada pelas aparentes certezas de análises, o novo paradigma instaura o fim dessa certeza que aprisiona. Nas ciências da linguagem, o conceito do discurso torna-se uma importante contribuição para as demais ciências. O conhecimento envolve a dinamicidade e as incertezas dos percursos dos labirintos. Baseia-se nas idéias de não equilíbrio; de auto-organização; de estruturas dissipativas. As certezas são substituídas por probabilidades e os sistemas, quanto mais instáveis são, mais complexos se tornam. A noção de caos, diz-nos Prigogine (1996), invade todos os campos da ciência. Queremos refletir sobre como essa visão de mundo pode orientar a compreensão do hipertexto.

### 3. UM TEXTO COM CENTRO MULTIPLICADO

O hipertexto, expressão de produção de sentido hipertextual, constituída por uma atitude de: a) produzir sentido através de diferentes linguagens em diferentes suportes e b) buscar aproximações inesperadas entre eles, envolve uma crise nas clássicas visões sobre texto, que têm operado com a perspectiva de unidade temática, o que pressupõe um centro estático. Nele não buscamos o centro, a unidade, mas multiplicidade; buscamos uma supra-textualidade. Orientados pela idéia, entre outras, de labirinto, pensamos que se buscam os

caminhos, o movimento, os cruzamentos. Deleuze (1995) e Barthes (1970) trabalham com dois conceitos úteis – O rizoma e texto estilizado, os quais nos auxiliam a compreender a textualidade do hipertexto.

Para trabalharmos com o conceito de rizoma, utilizaremos o pensamento de Deleuze (1995). O autor começa relacionando rizoma à natureza e à cultura, através do livro e da raiz. Há diferentes tipos de livros, o primeiro é o livro raiz. Este é o livro clássico. A raiz na natureza age de forma diferenciada à concepção estrutural de raiz. A raiz, na natureza, constitui-se de ramificações, numerosas, laterais e circulares, não dicotômicas, onde um se torna dois, e dois se tornam quatro, tal como a árvore sintagmática de Chomsky. Há necessidade de uma forte unidade principal. É a lógica binária. A lógica binária domina ainda a psicanálise, a lingüística, o estruturalismo e até a informática.

A segunda figura do livro é o sistema radícula, ou raiz fasciculada. Vem-se enxertar à raiz uma multiplicidade imediata de raízes que deflagram um grande desenvolvimento. Uma multiplicidade presa a uma estrutura tem seu crescimento compensado pela sedução das leis de combinação. Não há possibilidade de existência de uma unidade angélica e superior. Há necessidade de raízes múltiplas que quebram a unidade da palavra.

Não basta falar sobre o múltiplo; é preciso fazer o múltiplo. A questão é como o uno pode fazer parte do múltiplo. Um rizoma distingue-se das raízes e radículas. Os bulbos, os tubérculos são rizomas. Até os animais o são sob sua forma matilha. Ratos são rizomas. As tocas são, com todas as suas funções de habitat, de provisão, de deslocamento, de evasão e ruptura. Há rizomas quando os ratos deslizam um sobre os outros.

Barthes (1970) nos sugere que todo texto é plural. Tudo significa sem cessar e várias vezes, mas sem se submeter a um grande conjunto final, uma estrutura última. O texto é uma rede com mil entradas. O que Barthes faz é comparar um texto a um céu, simultaneamente plano e profundo, sem margens nem ponto de referência. Propõe traçar zonas de leitura para nelas observar a migração dos sentidos. Pensamos que, na textualidade do hipertexto, os termos onde se produzem links visam ao plural do texto e ao seu inacabamento, como força centrípeta que leva para um centro único. Trata-se de uma multiplicidade interconectada. Numa nova coerência que não sabemos ainda, muito bem, o que é, porque seu movimento é organizado pelas probabilidades de sentido. Trata-se de um movimento que busca a coesão (coagula) e, ao mesmo tempo, dispersa (distende), coagula e distende os planos da forma: som (vozes, ruídos, melodias), imagem (palavras, fotos, gráficos); a isso chamamos, na tecnologia contemporânea, em superfície plana, de multimídia ou hiperfície.

Estendemos, contudo, esse mesmo movimento de leitura de textos para a produção do sentido de práticas culturais como textos - um parque, por exemplo. Uma caminhada num parque é uma leitura: vozes humanas, sons de objetos, som do vento, dos pássaros, movimento das folhas e objetos no chão e dos galhos das árvores – cruzamento de sentidos inesperados. Sua possibilidade é dada por nossa imersão – interatividade, sempre.

Castañeda (in Deleuze, 1995, p.31) vem ao nosso encontro:

Primeiro caminhe até tua primeira planta e lá observe, atentamente, como escorre a água da torrente, a partir desse ponto. A chuva deve ter transportado os grãos para longe. Siga as valas que a água

escorreu e, assim, conhecerás a direção do escoamento. Busca, então, a planta que, nesta direção, encontra-se o mais afastado da tua.

E Calabrese (1987, p.58) continua:

Ver conexões entre objetos que nascem intencionalmente afastados não é ilegítimo. E, justamente, ao vir no alcance das conexões improváveis, descobrir-se-á ainda que vem o benefício da dúvida, extensão daquela mentalidade e daquele ponto.

Em Eco (1995, p.24) temos a figura do bosque:

Um bosque é um jardim de caminhos que se bifurcam, mesmo quando não existem, num bosque, trilhas bem definidas. Todos podem traçar sua própria trilha, decidindo ir para a esquerda ou para a direita de determinada árvore que encontrar, optando por esta ou aquela direção.

Pensamos que, se não inserirmos o hipertexto nesses movimentos referidos, estaremos discutindo apenas um conceito a mais de texto. Hipertexto é muito mais que isso: é a autorização cognitiva de uma ambiência de mentalidade textual que torna legítimo o surgimento do sentido inesperado, que pode, talvez, quebrar os clássicos princípios de textualidade baseados em coerência e coesão textuais. Senão, vejamos outro percurso de um internauta.

#### 4. UM ENCONTRO COM TEORIAS LINGÜÍSTICAS

Os modos de organização textual têm a ver com os modos de produção do sentido de uma dada época. Foi disso que tratamos até este instante. A Lingüística, agora, depara-se com a quase impossibilidade de ter como objeto somente o estudo dos textos verbais porque os suportes para uso da linguagem se multiplicam. O movimento hipertextual necessita de variadas formas de expressão e as teorias lingüísticas passam a assumir entendimentos como o que é proposto por Charaudeau. Esse fato, parece-nos, justifica que sejam ampliadas as bases do que Charaudeau (2001) chamou de teoria do sujeito. Entende ele que a construção do sentido dá-se mediante qualquer ato de linguagem. E a enunciação no computador é um ato de linguagem, procede de um sujeito que se dirige a outro sujeito dentro de uma situação de comunicação específica, que determina a escolha dos recursos de linguagem que podemos usar. Esse novo suporte eletrônico, caracterizado pela luz e pelo movimento, atualiza, em nós uma nova competência, que não será dita textual, mas para-textual. É nesse sentido que cabe a pergunta: *Hipertexto, que texto é esse?*

Se no contexto do pós-estruturalismo, a função referencial dos signos converge para seu entendimento como atos de linguagem, que visam ao processo de interinfluênciação entre locutores, em que o referir é um ato de fala para produzir uma crença de uma realidade objetiva e inquestionável, o hipertexto, como estrutura de texto, teria, em nosso entender, como ato de fala o incitamento genuíno: a autoria. Se entendemos que todo processo de criação é intersemiótico porque ninguém pensa originariamente nada. Tudo está, antes e

ao mesmo tempo, o hipertexto seria a materialização assumida de uma autoria, que é percurso feito na composição com textos antes construídos e disponibilizados na internet, ou, no caso, de ambientes não informatizados, nas redes de textos referenciais buscados nas bibliotecas, nas livrarias ou, ou...!

O hipertexto visa a agir sobre o usuário, incitando-o a realizar seus percursos não pensados, mas possíveis em textos (nodos) que vão se multiplicando. Na tela, ou fora dela, o hipertexto nos impulsiona a fazer links, num movimento de associação entre campos semânticos, fazendo surgir nodos, isso é, novas páginas. O link, no caso do ambiente informatizado, pode atuar também como ato de fala de remissão, tal como um verbete remissivo. É um movimento de ir e vir, mas que sempre avança. Sempre cria.

No caso do hipertexto, a remissão é proposta pelo leitor que, de alguma forma, teve sua orientação dada pelo autor da página, do nodo, ao marcar os links. No caso de ambientes não informatizados, em suporte impresso, os links acessados e os percursos feitos são de responsabilidade do leitor, através de seus conhecimentos prévios, orientado pela estruturação hipertextual. Em textos eletrônicos, temos essa função disponibilizada pelo zapping, no ato de clicar e também no ato de zapear, o movimento contínuo que a mão faz com o mouse é a enunciação de um espaço, de uma topologia, que é texto, que, na tela do computador ou da TV, aparece numa relação de similitude conosco como autores - flaneurie! O texto já estava lá, na condição de ondas físicas e, mesmo, se materializada, o texto também já estava lá, como atualização produzida por alguém, que muitas vezes não sabemos quem, os webmasters, talvez.

Reivindicamos, então, para a leitura hipertextual, em qualquer tipo de texto, o resgate de nossa condição de flaneur dos sentidos que vamos produzindo, nas telas de nossos aparelhos a função enunciativa para os links e para o zapping, que criam a condição da unidade leitura/produção de textos. Neste caso quem é o interlocutor? Somos nós mesmos, na seqüência de links que vamos escolhendo, isso é, o outro somos nós e nós somos, inversamente, o análogo do programa - jogo de similitudes, ausência de interlocução! Isso pode facilmente se visto no quadro anterior, porque cada clique atualiza um nodo (página que contém links que fazem surgir na tela nova página, e assim por diante).

O hipertexto não é um texto interlocutivo, trata-se de um metatexto porque é uma forma de expressão, em substância eletrônica ou digital que serve para gerar formas de comunicação monolocutivas. Os movimentos de cliques sobre os links, atualizam textos que, dentro de uma multiplicidade de possibilidades, vão atualizando, na tela ou no vídeo, um texto de cada vez; surge uma ilusão de interlocutividade com os diferentes textos que são acessados. Consideramos, portanto, que esses atos constituem-se em uma competência para-lingüística.

A enunciação paratextual da competência hipertextual não tem, naturalmente, as características de uma enunciação textual. Isto se dá porque competência situacional, organizada em torno das questões como – qual é a situação de comunicação? Quem são os sujeitos envolvidos? Qual a finalidade do ato de comunicação? Sobre o que se fala? Não está pensada a partir da relação entre o locutor e uma situação sócio-cultural, como acontecimento de enunciação em que um locutor produz um texto. No caso do hipertexto,

pela enunciação, no ato de clicar ou zapear o locutor atualiza, faz se manifestar, num meio que é a tela ou o vídeo, textos de outros autores, potencialmente disponíveis no ambiente virtual ou eletrônico. É como se estivéssemos diante de uma meta situação de comunicação, isto é, uma situação de comunicação que se institui sobre uma situação de comunicação que já foi geradora de textos por diferentes autores, em diferentes espaços e tempos e, simultaneamente disponíveis.

Os atos de linguagem, na composição dessa característica de ausência de interlocução, não dependem da situação de comunicação, vinculada a uma prática social, mas de uma meta situação de comunicação possível pelas condições de enunciação do ambiente informatizado. É uma prática de linguagem com uma meta enunciação. O leitor aos cliques sucessivos enuncia o já enunciado, isto é, meta enuncia, através do inventário do possível. O hipertexto atua, ele sim, texto interlocutor, através de seu poder de gerar no leitor um querer fazer - continuar sua caminhada por caminhos que se constituem ao caminhar, por isso nomadismo, errância.

O hipertexto parece inserir-se numa competência comunicativa do ciberespaço, que estamos chamando de hiper-comunicação, envolvendo uma competência hiper-comunicativa, termo trasladado da hipermídia. Há uma inter compreensão do cibernauta com os textos que ele vai atualizando na tela ou no vídeo ou, o que é muito importante para a referida mentalidade hipertextual, atualizando em cadeia de textos que busca, em diferentes suportes - um texto musical remete para um vídeo que pode remeter para um programa de rádio, que remete para um livro, que remete para...!

## **5. HIPERTEXTO E COESÃO: O PROCESSO DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS**

Após fazermos conexões necessárias sobre a natureza plural do hipertexto, surge a necessidade de analisarmos os procedimentos de leitura e de encadeamento que produzem essa multiplicidade de sentidos, uma vez que a modernidade, orientada pelas idéias de verdade e certeza, é facilitadora de leituras não hipertextuais e o pós-estruturalismo torna-se um ambiente propício aos sentidos hipertextuais. Logo, pretendemos questionar se os conhecidos elementos de coesão, oriundos do texto em sua concepção clássica, podem ser também chamados de elementos de coesão hipertextuais. Isso implica atribuir, como hipótese, ao hipertexto, uma força centrífuga, atribuída aos links, e uma força centrípeta, atribuída aos nodos, que são os textos, ou páginas onde é possível localizar uma função coesiva no hipertexto.

Pensamos que a coesão do hipertexto se faz através dos links associativos e a coerência somente se efetiva após o contato do leitor com o mesmo, afirmando que um texto coeso nem sempre constitui um texto coerente. Assim, o hipertexto se realiza após a interação e a ação efetiva do leitor – usuário.

O hipertexto, como tecnologia da informática, refere a uma aprendizagem associativa. No processo de uso de links e atualização na tela de nodos (páginas), há um critério associativo que visa a conduzir a navegação, a caminhada, sempre a novas páginas que o

leitor julga conter a informação desejada, a partir de uma certa posição inicial de um nodo e na sucessão de links que fazem aparecer novos nodos. O que determina a direção desse percurso são fatores de natureza lingüística, psicológica, social e cultural. Nesse ponto, podemos dizer que os links podem materializar as condições prévias que orientam o sentido a ser produzido e manifesto em sua seleção.

Assim, a grande diferença que o texto impresso apresenta em relação ao hipertexto eletrônico está no suporte e não no tipo de produção de sentido, pois produzir sentido hipertextual é da ordem epistemológica da produção do sentido e não do suporte impresso ou digital. Ingedore Villaça Koch (1993) diz ser a coerência responsável pela continuidade dos sentidos no texto e que esta se apresenta como resultado de uma complexa rede de fatores de ordem lingüística, cognitiva e interacional.

Vejam os um pouco mais da aprendizagem associativa de importância grande no caso do hipertexto, remetendo-nos, inclusive, a Saussure na questão da linearidade<sup>3</sup>. Os usuários ativam links que lhes parecem mais interessantes, gerando, um ambiente de auto-organização. Os produtores da informação removem e adicionam conhecimentos, sob forma de novos nodos e links. Isso causa modificações concretas na rede. O uso desses links, atualizando nodos constitui a navegação que se faz, segundo Palácios, por uma percepção semântica associativa dos usuários, ativando, através dos links, o que, na lingüística textual, chamam-se frames. A idéia é de que os links se organizam por campos semânticos associativos, tal como Saussure já propunha com o exemplo de ensino, aprendizagem.

Vamos nos deter num exemplo de texto midiático- a reportagem online- e ver como podemos repensar um aspecto lingüístico – elementos de coesão, relacionando-os à estrutura tecnológica do hipertexto. Nos casos estudados<sup>4</sup>, fazemos uma comparação entre a leitura em suporte impresso e em suporte informatizado.

Um dos momentos em que a hipertextualidade do leitor se faz mais presente é durante a leitura de uma seqüência de reportagens, pois, acompanhar uma determinada história e todos os demais textos que formam essa rede de sentidos e que a complementam, é uma atividade que requer do leitor um movimento de ir e vir, de remissão e projeção, ao mesmo tempo em que ele está inserido no interior do discurso do repórter, ele deve interconectar o dito, isto é, os enunciados verbais e não-verbais, com seus conhecimentos prévios, seus modelos cognitivos globais (frames, esquemas, scripts, planos) projetando assim um espaço de sentido para o não dito.<sup>5</sup>

A leitura “tradicional”, através de uma teoria dos frames<sup>6</sup>, faz com que a seqüência seja lógica e a progressão, baseada numa relação associativa dos fatos seja respeitada. É

---

<sup>3</sup> ver Fraga et alii, in Linearidade no hipertexto, 2003.

<sup>4</sup> Reportagens veiculadas no jornal Estado de São Paulo / Folha de São Paulo e [www.estadao.com.br](http://www.estadao.com.br) dos dias 08/09/10/11/12/13/14/15/16/17/18/19/20 de julho do ano de 1998 sobre a maníaco do parque.

<sup>5</sup> Conforme teorias da argumentação como a proposta por Oswald Ducrot que, pensamos, oferece possibilidade de compreensão do processo lingüístico do hipertexto, pela argumentação e polifonia.

<sup>6</sup> “Frames” são modelos globais que contêm o conhecimento de natureza psicossócio-cultural sobre um conceito central, no caso serial killer.

nesse contexto que afirmamos que o ambiente de leitura informatizado – HTML delimita apenas uma das possibilidades de produção de hipertexto, tendo em vista que estamos tratando de uma leitura e um leitor hipertextuais, donos de uma hipertextualidade própria, independente de um ambiente informatizado, já que o leitor, na concepção adotada neste artigo, terá procedimentos lingüísticos e cognitivos semelhantes em ambas as leituras, em suporte impresso ou digital. Assim, julgar o hipertexto uma nova forma de produção de sentidos é uma idéia que se insere nos paradigmas pós-estruturalistas de ser e agir em sociedade.

Qualquer reportagem em suporte impresso oferece uma rede hipertextual que é comparável ao suporte digital - há fotos, legendas, gráficos, tabelas isto é, uma organização intersemiótica que possibilita o acionamento de frames, scripts e a formação de conceitos ideologicamente presumíveis nas palavras do jornalista que produz uma rede informacional, ideologicamente e culturalmente previsível, tendo em vista que há por traz do discurso deste enunciador uma esfera cultural muito forte, explicitada lingüisticamente através do tipo de links que utiliza, os quais podem categorizar um elemento do texto ou negativamente ou positivamente. Para tanto, a leitura de uma reportagem, principalmente, quando esta for de conteúdo investigativo, terá implicitamente um objetivo de formação de opiniões e de valores.

Associar frames em hiperlinks como elementos de coesão envolve uma lógica lingüística e semiótica que necessita ser pensada no caso do hipertexto, pois no texto organizado segundo a noção de frame, os elementos de coesão se organizam segundo uma força centrípeta, redes associativas, próprias dos sistemas fechados, ao passo que no hipertexto, os links, com a função de coesão, fazem o movimento contrário, segundo uma força centrífuga, própria dos sistemas abertos, a saber:

*Força centrípeta:* tende a puxar o corpo para um centro, isto é, os sentidos múltiplos para uma unidade textual, constituída pelo frame e seus componentes que podem, ou não, serem disponibilizados em links. Assim, o elemento vítimas do frame crime, pode abrir ou não para características físicas, que abre para depoimentos sobre personalidade e caráter, que abre ou não para fotos. Já a *Força centrífuga:* tende a projetar para o exterior, isto é, assumir a multiplicidade de sentidos, sem preocupação com a unidade textual.

A hipertextualidade, portanto, está inserida, como foi dito, antes em uma concepção cultural e de construção de conhecimento do que meramente em uma cultura informacional. O que concebemos aqui por hipertexto é a idéia de textualidade que ele nos trás, é a situação de comunicação e de produção de sentido, favorável ao desenvolvimento de conexões improváveis e realizáveis potencialmente no ambiente humano e não maquínico. Assim, o hipertexto pressupõe uma “*hiper*” leitura e um “*hiper*” leitor, nomenclaturas ainda a serem profundamente investigadas.

## 6. OS LINKS HIPERTEXTUAIS COMO ELEMENTOS DE COESÃO: ANÁLISE DE REPORTAGENS<sup>7</sup>

A coesão é o processo de seqüencialização que assegura (ou torna recuperável e possível) uma ligação lingüística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual. Assim, ao nos referirmos ao hipertexto como um texto multiramificado, estamos abordando, inevitavelmente, este processo de seqüencialização necessário à construção do sentido. Isso está pressuposto na aprendizagem associativa. Por mais que no plano hipertextual sejam possíveis vários sentidos e vários caminhos a serem percorridos, o leitor, com sua experiência lingüística, com seus esquemas de mundo, cognitivamente, transformará sua seqüência num alto grau de predizibilidade, produzindo o que chamaremos de linearidade semântica.

A multiramificação é possibilitadora de caminhos diversos, mas não imprevisíveis. Há diferença entre sentidos instáveis porque disponibilizados para acesso, mas com alto grau de previsibilidade - quando, numa reportagem, o link que dá abertura para o nodo é palavra ou expressão significativa para a reportagem, há um movimento de inferência obrigatório, a fim de que um novo nodo seja aberto dando seqüência às reportagens. Não há indeterminação, há previsibilidade nas multiplicidades dos links.

É significativo reiterar que os links do hipertexto cumprem essa função, sem, contudo, se referirem a um objeto (como no caso da referência tradicional estudada na Lingüística do Texto), mas a um conjunto de informações contidas em janelas a serem abertas. Essas informações serão potencializadas após cada clique do leitor.

Tendo isso em vista, podemos julgar os links como pontos de progressão textual – progressão semântica e construtores da superfície hipertextual, levando em conta que constroem relações transitórias de significação. Assim o texto passa pelo efeito metamorfose a cada novo passo que o leitor/ “errante” dá.

Sendo abordado nesta concepção, o hipertexto também está incluído no grupo de textos preguiçosos que esperam pela colaboração do leitor de que Umberto Eco (1994) fala.

A coesão hipertextual possibilita passeios inferenciais complexos, ao passo que a coesão textual clássica possibilita apenas referências objetivas, internas ao espaço do texto uno e fechado. Assim, aquela não se atém, como no caso desta, a categorias gramaticais com função estritamente relacional (pronomes, conjunções...), mas a todo e qualquer termo que, semanticamente, num dado momento de leitura, marcado como link, cumpre a função de produzir a ramificação para outros textos. Assim, a referência, instrumento de coesão, no interior da estrutura hipertextual, se dá sob formas nominais/ lexicais, comparando-se ao que Barthes (1970 chamou de *lexias*, tendo em vista que devem dar conta de apontar caminhos para o leitor através de substantivos, adjetivos, expressões, frases que funcionam como apontadores discursivos, indo para além da função de seqüencialização.

---

<sup>7</sup> Fraga, Dinorá. *Jornalismo Investigativo: cultura, jogo e texto*. no prelo, 2003.

Cumpre, dessa forma, ratificar que a coesão no hipertexto não assume as nomenclaturas “pronominalização” e “substituição vocabular”, tendo em vista a natureza *indicativa, projetiva e até mesmo discursiva* dos links e não meramente *substitutiva*.

O hipertexto, valendo-se dessa função coesiva dos links, usando-os como apontadores de caminhos a serem inferidos e associados ejeta o leitor para uma exterioridade: os demais textos. Aí está a função precípua do leitor-usuário – a inferenciação, ou melhor, a construção de uma rede semântica coesa e coerente.

Um exemplo de como uma leitura textual pode se transformar em uma leitura hipertextual é o caso a seguir de duas manchetes integrantes de uma seqüência de reportagens:

1 - Dia 8 de julho:

CRIME: *Investigadores do caso suspeitam de que quatro mulheres foram vítimas de crime sexual.*

2 - Dia 9 de julho:

CRIME: *Outras 2 vítimas foram achadas sem roupas e PM fará varredura no parque; ação de maníaco é a principal suspeita.*

3 - Dia 14 de julho:

CRIMES NO PARQUE: *Casos foram registrados em Diadema; polícia ouvirá vítimas para confirmar a ligação entre os casos.*

CRIME NO PARQUE *Material foi colhido em vítima assassinada; laudo conclui que mulher foi violentada antes de morrer.*

A idéia de um fato que é construído enquanto linguagem aparece na seqüência de leads. Enquanto texto, o lead cresce na medida em que coloca uma dimensão processual sobre estes fatos: *fará varredura e suspeitam.*

Vejamos as expressões:

5 - *ação de maníaco é a principal suspeita.*

O termo “principal suspeita” constitui lingüisticamente o sentido dinâmico de alguém que pode, fenomenologicamente parecer e não ser, logo haverá um engano da justiça, no caso, o maníaco do parque ser apontado como o verdadeiro responsável pelas mortes ou não parecer e ser, logo um fato ainda por comprovar, um segredo a ser desvelado.

6 - *Foram achados mais quatro corpos.*

7 - *Foi identificada a última vítima.*

De acordo com expressões como as grifadas nos exemplos 6 e 7, notamos que havia uma seqüência de reportagens anteriores e são exatamente esses dados dentro do discurso que irão fazer da série de reportagens um complexo rizomático em constante ligação, relacionando essas manchetes às anteriores, cabendo ao leitor produzir a seqüência.

A partir dessas observações, propomos que a natureza do hiperlink seja investigada em sua função coesiva – natureza anafórica, catafórica, associativa e esquemática.

Na estrutura hipertextual, de acordo com o exposto acima, os links não são referenciais e não têm a função de retomar linearmente como no texto impresso, mas têm relação de continuidade, construída pelo leitor, conforme exemplos 6-7.

Em 6, há o link formado pela expressão *mais quatro corpos*, o qual ejeta o leitor para um texto anterior, pelo fato de enfatizar a palavra “mais”, ou seja, já havia outros corpos.

Já em 7, há o mesmo movimento, tendo em vista a expressão último corpo, que indica a existência de outros corpos anteriores.

Os referentes dispostos no hipertexto e que possibilitam que uma rede de textos seja um hipertexto, formam um labirinto no qual o leitor precisa achar um caminho. Nessa leitura, como as possibilidades de ligação são infinitas e os links são imbuídos de uma função anafórica e catafórica no sentido de direcionamento da leitura e de ligação semântica, não podemos, por conseguinte, categorizá-los como referentes<sup>8</sup>, pois sua natureza não é de substituição ou retomada, mas de ligação, fator que torna o caminho, a cada clique, mais fecundo devido à grande cadeia formada pelos hiperlinks que há à disposição.

As catáforas e anáforas são apontadores de caminhos, nunca limitadores. Diferentemente do texto impresso, as referências não constituem fenômenos de dependência interpretativa, conforme conceito de referente, mas constituem fenômenos de abertura, tornando o texto um documento aberto. Esta é a finalidade de abordar elementos da lingüística do texto tradicional dentro da estrutura hipertextual: mostrar que os elementos de referência existem em ambos os casos, mas com finalidades pertinentes a cada situação de comunicação.

Valemo-nos das nomenclaturas tradicionais como anáfora e catáfora a fim de ancorarmos-nos em aporte teórico sólido para nosso estudo, contudo, um novo olhar reivindica o alargamento destes conceitos, produzindo novas categorias próprias a esta nova textualidade e forma de produção de sentidos aqui exposta. Para tanto, denominaremos os hiperlinks: *links catafóricos e links anafóricos*, classificando-os, de acordo com os exemplos expostos, em nominais, valorativos. Ver exemplo:

#### 8 - Suspeito de crimes no parque deve apresentar-se.

Através da referência a um suspeito, notamos que a seqüência está sendo realizada. A expressão “crimes no parque” é referente anafórico de reportagens anteriores porque remete o leitor a um texto anterior, no qual o sentido de parque e crime já foi constituído. A palavra *suspeito* traz um critério valorativo, tornando-se uma anáfora da pessoa referida em textos anteriores: *já havia um suspeito*.

Portanto, é na prática que se constrói a tecitura hipertextual, sendo o leitor parte determinante neste processo. Sendo assim, o texto não apenas soma as partes, mas as

---

<sup>8</sup> Referentes são elementos da língua que não podem ser interpretados semanticamente por si mesmos, mas remetem a outros itens do discurso necessários à sua interpretação. (Koch, 1993).

multiplica através de movimentos que produzem relações de ordem: Semântica – Morfológica – Cognitiva – Associativa – Pragmática.

Cada link nominal tem em si uma carga de sentido que estabelece estas relações. As palavras *crime*, *suspeito*, *vítima* denotam significados já constituídos culturalmente e que têm valor axiológico; podemos compará-los aos pré-construídos ou já ditos da análise de discurso.

As reportagens para as quais estas palavras servem de links estão conduzindo o leitor a adotar critérios valorativos e culturalmente instaurados na sociedade. Urge, portanto, ressaltar que estamos adotando como critério de análise tanto textos impressos como online, a fim de mostrar que a leitura parte dos mesmos critérios, pois o sujeito sócio-cognitivo não dispõe de técnicas de leitura, mas de movimentos de inferenciação que ocorrem tanto em ambiente informatizado ou não, o que converge para o que Crystal (2001) pensa quando diz que não são apenas os objetos sociais que mudam, mas nossa maneira de interagir com estes objetos.

Ao realizar essas associações, a mente do leitor funciona como um encapsulador<sup>9</sup> de cargas de sentido que realizam, no ato de leitura, o texto. Dessa forma, o texto enquanto não entra em contato com o leitor, não produz, não é vivo, característica que Barthes (1970) respalda ao dizer: *quanto mais plural é o texto, menos está escrito antes que o leia* (p.43).

O sentido do texto, portanto, não preexiste à leitura; é efetivado durante o movimento do leitor sobre o mesmo. Este leitor levanta significados ao desdobrar o texto que é uma dobradura a ser desfeita pelo leitor.

Assumimos algumas premissas iniciais do fazer do jornalista e da orientação que dá ao leitor na seqüência de reportagens, tendo em vista que aquele se ocupa da construção do fato enquanto linguagem, constituindo a realidade enquanto sentido, ao passo que este, sendo destinatário do fazer jornalístico, recebe diretamente e, indiretamente influência da sociedade que, pelo fato de transformar situações vividas em fatos de cultura, usa o jornal que, por essência é uma instância cultural.

Os destinatários do fazer policial são as instâncias legais, diretamente e, indiretamente também a sociedade, pelo fato de que o resultado de seu trabalho produziu novos fatos sociais, como a revelação de significados encobertos, segredos, no sentido fenomenológico do termo.

O jornalista se ocupa da criação, enquanto linguagem, de uma atmosfera de mistério, parte do processo de resolução de um problema. No caso do policial existe o enigma, mistério, que não se constitui enquanto atmosfera criada pela linguagem, mas em fatos a serem desvelados pela observação e dedução.

O jornalista, neste caso, tem por ocupação re-apresentar os mesmos fatos, em nível de produção tecnológica, numa esfera midiática. Enquanto sujeito da sociedade e da cultura, ele é também leitor. Significa que ele vive as mesmas situações que o leitor, em seu tempo em seu lugar.

---

<sup>9</sup> Denominação retirada de Koch, 2002.

Não nos cabe aqui menosprezar a tecnologia informatizada apenas sugerir que essa estrutura HTML tão genuína dos ambientes informatizados é própria do homem. Precisamos ver que o jornalismo impresso e o jornalismo online constituem ferramentas de leitura e não tipos de textos distintos, pois um texto ou uma seqüência de textos, independe de um suporte específico, realizam-se durante o ato de leitura e desvelamento do sentido. Falamos apenas de conceitos dinâmicos de texto que, longe de constituir uma simetria que se dirige a um fechamento, é uma totalidade dinâmica cujos elementos não estão ligados por um sinal de igualdade e de adição, mas por um sinal de correlação e de integração; falamos, além de tudo, de um ideal de textualidade que já vinha sendo instaurado por todos aqueles que como Roland Barthes, entre outros, começaram a focar seus olhares para um texto aberto e plural, antes mesmo do surgimento das grandes redes de textos.

Dessa forma, ao interpretar, ao dar sentido ao texto, no momento da leitura, o leitor prossegue atualizando-o. As várias possibilidades que um texto estabelece é que propõem a sua atualização e a sua abertura, pois a cada leitura, a cada retomada abre-se uma nova forma de ver, abre-se um novo leque de significados que atualizam o que foi escrito pelo autor, o que Barthes (1970) chama de produzir diversidade.

Sob essa ótica, podemos dizer que a reportagem, toda reportagem, joga com a hipertextualidade de seu possível leitor, tendo em vista que o jornalismo produz uma rede de ligação e relações necessárias à sobrevivência do tema núcleo, o qual perdura por estilhaçamento, como diria Roland Barthes, durante a seqüência, através da ligação entre os blocos de textos.

Trata-se de uma textualidade que ultrapassa a informatização, mas que busca realizações dentro e fora do texto. Temos um movimento *inter* textual e vários movimentos *extra* textuais.

Assim, referência é um endereço para o qual o leitor é projetado. Usamos a referência como instrumento de elaboração do discurso, ou melhor, de constituição do discurso para o leitor. O hipertexto não produz uma soma, mas uma multiplicação das partes que constituem o todo. A rede tramada pelo hipertexto propõe um rastreamento pela informação. Isso ocorre devido à progressão permitida pelos recursos de retroação e prospecção.

Pressupomos que o leitor hipertextual ou “hiperleitor” tenha conhecimentos e capacidades de inferência a fim de ligar uma ilustração ao real significado do texto; essa união de linguagem verbal e não verbal é uma referência que produz certa progressão às reportagens.

O texto, portanto, não é portador de um sentido definido pelo enunciador, mas é portador de possibilidades de sentido a serem construídas pelo enunciatário. Assim, os hiperlinks, com sua função coesiva sugerem caminhos a serem seguidos, sendo endereçamentos que podem levar o leitor a também respeitar o princípio que podemos chamar de nucleidade do texto, embora estejamos operando com hipertexto. Este assunto núcleo é denominado tema-núcleo.

Os links como elementos de coesão exercem a função de monitorar o foco de atenção do leitor a fim de que o mesmo não se disperse do tema-núcleo. A relevância do hipertexto

está, portanto, na progressão tópica e temática, a qual produz a continuidade coerente do hipertexto e não na progressão referencial, devendo haver entre os blocos de textos que compõem o hipertexto uma integração conceitual e temática que dê suporte à interpretação do leitor.

O que se procura determinar aqui é uma concepção processual de construção do sentido, trazendo à tona o fato de que, independente do suporte que potencialize a leitura, é através do processo tradicional que a leitura se realizará; parodiando Charaudeau, o leitor sai em uma expedição com um propósito e no caminho depara-se com uma aventura.

---

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. (1992). *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- BARTHES, R. (1970). *S/Z*. Lisboa: Edições 70.
- CALABRESE, O. (1987). *A idade neobarroca*. Lisboa: Edições 70.
- CHARAUDEAU, P. (2001). *De la competencia social de comunicación a las competencias discursivas*. Revista latinoamericana de estudios del discurso. Caracas: n.1, v.1, p.2- 22.
- \_\_\_\_\_. (2000). *O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. São Paulo: Companhia das Letras.
- CRYSTAL, D. (2001). *Language and the Internet*. Cambridge, Cambridge University Press.
- DELEUZE, G e GUATTARI, F. (1995). *Mil Platôs*. V.1. Rio de Janeiro: Editora 34.
- ECO, H. (1994). *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras.
- \_\_\_\_\_. (1990). *Os limites da Interpretação*. São Paulo: Ed. Perspectiva.
- FRAGA, D. (2003). *Jornalismo Investigativo: cultura, jogo e texto*. no prelo.
- KOCH, I. V.; TRAVAGLIA, L. C. (2000). *Texto e Coerência*. São Paulo: Cortez.
- \_\_\_\_\_. (1993). *A coesão Textual*. São Paulo: Editora Contexto.
- \_\_\_\_\_. (2002). *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez.
- HOCKE, G. (1986). *Maneirismo: o mundo como labirinto*. São Paulo: Perspectiva.
- LANDOW, G. P. (1992). *Hipertexto: La convergencia de la teoría crítica contemporánea y la tecnología*. Barcelona: Paidós.
- LEÃO, L. (1999). *O Labirinto da Hipermissão: Arquitetura e Navegação no Ciberespaço*. São Paulo: Ed. Iluminuras.
- LÉVY, P. (1993). *As Tecnologias da Inteligência: O futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Ed.34.
- MAINGUENEAU, D. (2001). *Análise de Textos de Comunicação*. São Paulo: Cortez.
- MATURANA, H. (1994). *De máquinas e seres vivos*. Porto Alegre: Artes Médicas.

## FRAGA & FLORES - Hipertexto que texto é esse?

---

MORIN, E. (2000). *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO.

\_\_\_\_\_. (1998). *O Método 4. As idéias: Habitat, Vida, Costumes, Organização*. Porto Alegre: Editora Sulina.

\_\_\_\_\_. (1996). *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

PENNYCOOK, A. (1998). *A Lingüística Aplicada dos Anos 90: Em defesa de uma abordagem crítica* in SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. (orgs.). *Lingüística Aplicada e Transdisciplinaridade*. São Paulo: Mercado de Letras, p. 23-49.

\_\_\_\_\_. (1989). *The concept of method, interested Knowledge, and The politics of language teaching*. TESOL.

SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. (orgs.). (1998). *Lingüística Aplicada e Transdisciplinaridade*. Campinas: Mercado de Letras.

WILLIAMS, R. (1977). *Marxism and Literature*. Oxford: Oxford University Press.

[www.estadão.com.br](http://www.estadão.com.br)

[www.folha.com.br](http://www.folha.com.br)